

SUMÁRIO

VOLUME 2 ▸ NÚMERO 1 ▸ INVERNO 2005

erbete pinosa

BIOGRAPHIÉ UNIVERSELLE (MICHAUD)

De Angelis

Tradução e notas elaboradas

por

*Emanuel Angelo da Rocha Fragoso **

* Mestre e Doutor em Filosofia pela *Universidade Federal do Rio de Janeiro* - UFRJ, Professor de Filosofia na Graduação e no Mestrado Acadêmico em Filosofia da *Universidade Estadual do Ceará* - UECE, Coordenador do Projeto de Pesquisa *A Questão da Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza* e Coordenador do *GT Benedictus de Spinoza*.

BIOGRAPHIE UNIVERSELLE

(MICHAUD)

ANCIENNE ET MODERNE,

HISTOIRE, PAR ORDRE ALPHABÉTIQUE, DE LA VIE PERIQUET ET PRIVÉE DE TOUTES LES PERSONNES
QUI SE SONT FAIT REMARQUER PAR LEURS ÉCRITS,
LEURS ACTIONS, LEURS TALENTS, LEURS VERTUS OU LEURS CRIMES.

NOUVELLE ÉDITION,

REVUE, CORRIGÉE ET CONSIDÉRABLEMENT AUGMENTÉE D'ARTICLES ORÉS OU NOUVEAUX

DEUXIÈME SÉRIE

PAR UNE SOCIÉTÉ DE GENS DE LETTRES ET DE SAVANTS.

Les deux des après nos vœux : en se fait les deux
que la terre. N° 10000.

TOME QUARANTIÈME.



PARIS,
CHEZ MADAME C. DESPLACES,

CHIFFRE-PROPRIÉTAIRE DE LA DEUXIÈME ÉDITION DE LA BIOGRAPHIE UNIVERSELLE.

RUE NEUVE-DES-MATHURINS, 25.

ET

LEIPZIG

LIBRAIRIE DE F. A. BROCKHAUS.

FAC-SÍMILE DA PRIMEIRA PÁGINA DO EXEMPLAR EM QUE FOI PUBLICADO O
VERBETE *SPINOSA* DO DICIONÁRIO DE BIOGRAFIAS DE MICHAUD

Verbete Spinosa ¹

SPINOSA, (Benoit de), chefe dos panteístas modernos, nasceu em Amsterdam, a 24 de fevereiro de 1632. Seus pais, judeus portugueses, dedicados ao comércio, fizeram com que aprendesse o hebreu e o educaram nos princípios de sua

¹ **Nota do Tradutor:** Redigido por *De Angelis* para a *Biographié Universelle (Michaud) Ancienne et Moderne, ou histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique e privée de tous les hommes que se sont faite remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertues ou leurs crimes. Nouvelle Édition. Revue, corrigée et considérablement augmentée d'articles omis ou nouveaux. Ouvrage redigé por une société de gens de Lettres et de savants **, organizada por Louis-Gabriel Michaud (1773-1858) e publicada em 45 volumes, entre os anos de 1843 e 1865. O presente verbete foi publicado no *Tome Quarantième*, p. 64-69, *Nouvelle Édition*, em Paris, chez Madame C. Desplaces et Leipzig, Librairie de F. A. Brockhaus, sem o ano exato da publicação deste volume. Entretanto, pelas datas de publicação das obras citadas por De Angelis (a mais recente é 1803) no corpo do verbete, pela data do início da publicação da primeira edição da *Biographié Universelle* (1811), pelas datas de publicação das obras citadas por Gustave Brunet (a mais recente é 1862) na última nota do verbete, e sabendo que a primeira edição foi publicada entre 1811-1862, podemos concluir que o corpo do verbete foi redigido na segunda década do século XIX [181-?], e, para esta segunda edição, *Nouvelle Édition. Revue, corrigée et considérablement augmentée [...]*, este verbete foi acrescido da última nota, que provavelmente foi redigida na sexta década do século XIX [186-?]. Optamos por manter a grafia original para a maioria dos nomes próprios citados (inclusive o de *Spinoza*, grafado com s), bem como para os nomes de obras citadas pelo autor que não possuam tradução para o português. No entanto, sempre que nos referirmos a *Spinoza* em nossas Notas, utilizaremos a grafia mais usual atualmente, ou seja, *Spinoza* com z.

* **Tradução:** *Biografia Universal Antiga e Moderna, História, por ordem alfabética, da vida pública e privada de todos os homens que se destacaram por seus escritos, suas ações, suas habilidades, suas virtudes ou seus crimes. Nova Edição. Revista, corrigida e consideravelmente aumentada de artigos omitidos ou novos. Obra redigida por uma sociedade de homens de Letras e de sábios.*

religião. Dotado de um espírito eminentemente escrutador, o jovem israelita se divertia levantando questões que os mais sábios rabinos tinham dificuldade para resolver. Percebendo que não tinha nada a esperar dos outros, ele resolve se livrar de suas próprias especulações: começa a ler a bíblia e o talmude, fechando-se num silêncio impenetrável. Ele vai, entretanto, um dia até se explicar com alguns amigos sobre a essência da divindade, a imortalidade da alma e a natureza dos anjos. A ousadia de suas opiniões choca seus correligionários, que o confessam sem reservas. Seus discursos alcançam os chefes da sinagoga, diante dos quais Spinoza foi intimado a comparecer. Embora eles tenham se proposto a empregar somente a persuasão e a moderação para reconduzi-lo aos seus deveres, foi impossível a Spinoza entender-se com eles, e Morteira, seu mestre, que era o membro mais moderado deste conselho, foi obrigado a ordenar a este raciocinador a se retirar da assembléia. Spinoza se afasta sem pesar de seus colegas e frequenta a sociedade de alguns cristãos, da qual fingiu preferir a crença. Ele se aproxima principalmente de Van Den Ende que lhe ensinou as línguas eruditas: e a filha deste médico pela qual Spinoza concebeu um amor violento. Ela o auxilia muito em seus estudos, sem, no entanto compartilhar a paixão que tinha inspirado. O jovem sábio se consola logo desta indiferença: ele sente a necessidade de nutrir seu espírito mais do que ocupar o seu coração: e as obras de Descartes vieram preenchê-lo de novas idéias. Elas foram assiduamente o objeto de suas meditações, e disposto como estava, a combater as velhas tradições, ele se habitua a duvidar com ele e adota o seu método para as pesquisas que se propõe a fazer. Mais ele avança em seus trabalhos filosóficos, mais ele se afasta da fé de seus pais. Ele cessa mesmo todo comércio com os judeus,

e não põe mais os pés na sua sinagoga. Após esta conduta, imagina-se que ele queria abjurar o judaísmo, tanto mais que ele tinha freqüentes encontros com alguns sábios menonitas e as pessoas mais esclarecidas das diversas comunhões cristãs. Mas ele não se declara por nenhuma e não faz jamais uma nova profissão de fé; se bem que a mudança de seu nome de *Baruch* para *Benoit* tenha sugerido isto. Os rabinos, que tinham em alta conta o seu saber, temiam que esta conversão não abalasse seu crédito; e eles lhe oferecem uma pensão de mil florins se ele consentisse em reaparecer nas assembléias. Spinosa recebe esta proposta num tom zombeteiro que aumenta a raiva de seus inimigos: eles resolvem se vingar; e num dia em que passava diante da velha sinagoga portuguesa, ele recebe em suas roupas um golpe de punhal de um homem que tentara assassiná-lo. Spinosa esquiva-se do golpe, e, não se acreditando mais em segurança em Amsterdam, ele vai se fechar numa casa de campo nas redondezas da cidade. Ele vive de produzir lentes óticas que tinha aprendido a trabalhar ² e consagra o resto de seu tempo às meditações filosóficas. No entanto, com a acusação de ter faltado com o respeito a Moisés e à lei, ele foi castigado com o anátema e banido da sinagoga; ele protesta contra esta excomunhão com uma apologia que não foi publicada. Fatigado dessas preocupações,

² Ele tinha inventado uma nova espécie de lentes, às quais deu o nome de *Pandoche*. Ele a cita numa carta a Leibniz, datada de 9 de novembro de 1671 [Carta 46], publicada por Murr, na obra intitulada *B. de Spinosa, Adnotationes ad tractatum theologico-politicum, ex autographo, cum imagine et chirographo philosophi*, La Haye (Nuremberg, 1802, in-4º). [NT: Na verdade Spinoza não inventou uma nova espécie de lente, ele apenas pergunta ao seu interlocutor, se as lentes que este, Leibniz, denomina *Pandoche* corrigem defeito anteriormente apontado. (Cf. *Carta 46*, In: DOMÍNGUEZ, Atilano. *Correspondencia*. Madrid: Alianza, 1988. p. 297)].

ele deixa este asilo e vai para Rheinsbourg, nas vizinhanças de Leyde, onde ele fez alguns conhecimentos. A sensação extraordinária que as obras de Descartes tinham causado no mundo e a dificuldade que o leitor comum experimentava para entender corretamente o conjunto de seu sistema davam lugar a freqüentes disputas, nas quais Spinoza, que tinha estudado sob um ponto de vista particular os escritos desse filósofo, se afastava freqüentemente das opiniões gerais. Como ele não ousava admitir tudo, seus discursos dissimulados serviam mais para complicar a discussão do que esclarecê-la. Esta reserva excita a curiosidade de seus amigos, que o provocam a escrever sobre a nova filosofia. Este comentário de um homem tido como ímpio expôs muito tempo Descartes à censura de ter conduzido Spinoza ao ateísmo. Mas é suficiente ler o *Prefácio* do editor (Louis Meyer) para ver que Spinoza estava então bem longe de partilhar os princípios cartesianos, dos quais ele se contenta em apresentar a descrição. Os clamores excitados por este livro fizeram o autor recear uma nova perseguição, e ele se afasta mais de sua cidade natal. Ele escolhe a retirada Voorburgh, perto de Haya, onde se gabava de poder viver ignorado; mas ele foi importunado ao chegar por muitas pessoas que desejavam aproveitar suas luzes. Ele resiste longamente a suas solicitações, e quando cede, ele não quer aceitar outro engajamento do que aquele de se reaproximar delas. Com efeito, ele vai se estabelecer em Haya, onde vive de uma maneira muito retirada e na mais estrita economia, raramente se mostrando em público, nem recebendo mais do que um pequeno número de amigos e passando todo o seu tempo a ler a bíblia, a fabricar suas lentes e a responder às pessoas, a maior parte desconhecidas que lhe propunham questões filosóficas. Ele

não se permitia outra distração do que a de caçar moscas e vê-las defenderem-se contra as aranhas. Ele era a tal ponto moderado, que muitas vezes uma sopa ao leite e um jarro de cerveja lhe bastavam para sua jornada. Esta austeridade o tinha sempre mantido a salvo da necessidade e o impedia de cobiçar riquezas. Ele recusa mesmo a herança de um de seus amigos que, enquanto vivo, não tinha conseguido fazê-lo aceitar uma soma de dois mil florins. Spinosa não se mostra menos generoso com seus próprios parentes e com os herdeiros dos infelizes irmãos Witt, grande pensionário da Holanda. Ele faz pouco caso também das ofertas do príncipe de Condé, que lhe promete uma pensão da França se consentisse em dedicar ao rei algumas de suas obras. Esta proposta de um general estrangeiro e uma visita que Spinosa fez ao duque de Luxembourg em Utrecht quase lhe custa a vida. Os habitantes de Haya, suspeitando que ele espionava para seus inimigos, ameaçam atentar contra sua existência. O hospedeiro de Spinosa, alarmado com os clamores, acreditando que vão forçar e pilhar sua casa, é tranqüilizado por Spinosa que lhe diz: “Assim que o populacho se apresentar frente a vossa porta, vós vireis avisar-me para que eu vá ao seu encontro, quando devem me fazer o mesmo que aos pobres senhores de Witt”. Com sua solicitude, Spinosa sempre decidiu atacar as antigas crenças, trabalhando num *Tratado Teológico-Político*, que deveria libertar o homem de seu jugo da autoridade, preparando-os para receber sua doutrina. Ele lhe submete a bíblia a uma nova análise, visando solapar as bases da revelação. Ele expõe suas dúvidas sobre a autenticidade dos livros santos, sobre a missão de Moisés, sobre o espírito dos profetas, sobre a possibilidade dos milagres; e procura a prova de suas asserções na própria bíblia, sobre a qual

pretende que cada um tenha o direito de raciocinar a sua maneira. Ele traça mesmo o plano de uma nova *Exegese*, para que se possa entregar-se a este trabalho sem medo de extraviar-se, e insiste, principalmente em marcar a diferença que existe entre a filosofia e a fé, na qual uma procura a verdade e a outra determina a obediência. Não deve ser proibido, segundo ele, manifestar-se livremente as opiniões religiosas: esta liberdade pode e deve ser concedida aos cidadãos, sem que a sociedade nada tenha a recear. Ele investe o chefe de Estado de um poder muito extenso, e chega mesmo a dizer que “a religião, qualquer que seja, natural ou revelada, só é obrigatória enquanto agrada aos soberanos, e que é, efetivamente, somente por eles que Deus reina sobre a terra”. Ele se mostra um dos mais acentuados adversários das mudanças políticas e não lhe parece menos perigoso desnaturar uma monarquia do que uma república. Seu axioma é que “cada povo deve cuidar da forma de governo sob o qual existe”. Os avisos que dá ao sucessor de um rei assassinado são da maior severidade. “*Se o novo rei, ele nos diz, quer assegurar seu trono e garantir sua vida, é necessário que mostre tanto ardor para vingar a morte de seu predecessor, quanto para não despertar desejo em ninguém de cometer semelhante crime. Mas para o vingar dignamente, não basta derramar o sangue dos autores; ele deve aprovar as máximas daquele que substituiu, ter a mesma rota no governo e ser tão tirano quanto ele*”. (Capítulo 18, p. 486)³. No último capítulo do *Tratado Teológico-Político*, Spinoza advoga com muita veemência

³ NT: *De Angelis* não indica a edição que utiliza do *Tratado Teológico-Político*. De nossa parte, indicamos a tradução portuguesa do *Tratado Teológico-Político*, com tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio, 3ª edição, integralmente revista, publicado em Lisboa, pela *Imprensa Nacional - Casa da Moeda*, no ano de 2004. A passagem citada encontra-se nas páginas 368-369.

a favor da liberdade de pensamento e da livre manifestação das idéias. Ele estabelece “[...] *que é impossível tirar aos homens a liberdade de dizer aquilo que pensam; que esta liberdade não nega em absoluto a autoridade do soberano, e que cada um a pode ter e utilizá-la sem prejuízo ainda desse mesmo direito, desde que daí não retire pretexto para introduzir novidades e para agir contra as leis e os costumes do Estado; que esta liberdade não é absolutamente contrária à paz da república e que não acarreta inconvenientes que não possam ser facilmente neutralizados; que à piedade não acarreta inconvenientes nem qualquer ameaça; que é inteiramente inútil fazer leis contra as coisas que são puramente especulativas; que não se pode enfim banir esta liberdade da república sem banir ao mesmo tempo a paz e a piedade*”⁴. Esta obra seduz o eleitor palatino, que oferece a Spinoza a cátedra de Filosofia em Heidelberg, com uma enorme liberdade de agir no ensino (*cum amplissima philosophandi libertate*)⁵. Ele não lhe impõe outra condição além daquela de respeitar a crença de seus Estados. Spinoza, que percebia a impossibilidade de raciocinar segundo seus princípios sem ofender a religião estabelecida, responde que “[...] *a instrução da juventude seria um obstáculo aos seus próprios estudos e que jamais tinha pensado em abraçar semelhante profissão. Aliás, acrescenta ele, vós não marcastes os limites dentro dos quais deve ficar restrita esta liberdade de explicar meus pensamentos para que eu não choque a religião do país*”. (Carta

⁴ **NT:** Ao contrário da nota anterior, *De Angelis* não indica para esta citação a página. A citação completa seria: *Tratado Teológico-Político*, Capítulo XX, p. 391. (Cf. **NT** anterior).

⁵ **NT:** Michaud cita apenas a primeira parte da frase de Johan Lwdwig Fabritius, conselheiro da corte e encarregado pelo príncipe de convidar Spinoza (encargo este que executa com muita má vontade, a julgar pela sua carta). A frase completa seria “*Terá a mais ampla liberdade de filosofar, e o príncipe confia que não abusará dela para perturbar a religião publicamente estabelecida*”. Cf. *Carta 47, Correspondência*, p. 299.

de 30 de março de 1673). O segundo parágrafo desta carta contém o verdadeiro motivo da recusa; o anterior não era mais do que um pretexto. Spinoza era de uma constituição delicada, que estava ainda debilitada por um trabalho excessivo: a atividade de seu espírito, suas longas e profundas meditações tinham arruinado sua saúde. Ele não fez mais que definhar nos últimos anos de sua vida, e morreu em 21 de fevereiro de 1677, após uma tuberculose pulmonar⁶. Ignora-se o alcance da doutrina de Spinoza, se os amigos não se sentissem livremente obrigados a publicar suas obras inéditas; porque é principalmente na *Ética* que ele faz um conjunto de suas opiniões através do empréstimo do método dos geômetras. Suas idéias não são novas: elas pertencem mesmo a um dos mais antigos sistemas filosóficos, que considerava Deus como uma causa *imane*nte, ou constituindo a natureza. Enquanto Tales, Anaxágoras, Platão e a maior parte dos alunos da Escola jônica punham a criação nas mãos de um ser infinito e inteligente, Leucipo, Demócrito, Diágoras, Epicuro, Straton⁷ e quase todos os estóicos e os eleatas a

⁶ Os detalhes dados no *Mensgiara* sobre a morte de Spinoza são evidentemente falsos. Este filósofo não viveu jamais na França, e por conseqüência, ele não poderia temer a Bastilha, nem tinha necessidade de se disfarçar de franciscano para se sustentar.

⁷ Entre todos os sistemas dos antigos filósofos, o de Xenófanes de Colophon nos parece ter mais relações com a doutrina de Spinoza. “*Tudo o que existe é eterno, diz o chefe da Escola de Eléia; se uma coisa foi criada, ela deve ter sido produzida por uma substância homogênea ou heterogênea; mas uma substância homogênea só pode produzir o homogêneo, e se a coisa foi formada por substâncias heterogêneas, ela se originaria necessariamente do nada; ora, nada pode vir do nada. Uma coisa que existe por toda eternidade não saberia mais cessar de ser, porque não haveria fora dela nada no qual ela pudesse se terminar. É necessária outra, que tenha uma única coisa, pois senão existiria várias, uma limitando a outra, e neste caso a existência cessaria. Enfim, esta substância única é imutável,*

atribuíam a uma força bruta e cega difundida no universo, preenchido por sua própria essência, variando por suas formas. É segundo estes princípios que Spinoza somente vê na natureza os acidentes de uma substância universal, intimamente ligados com ela. Partindo da existência de uma causa necessária, ele chega às conseqüências mais ousadas. Ele procede pela ordem sintética, passando das idéias gerais às idéias particulares. Spinoza que funda seu sistema sobre a definição da *substância* deveria começar por analisar os principais seres compreendidos sob esta denominação e fundar em seguida essas idéias especiais num princípio geral comum a todos os seres. Ao invés disso, ele formou da substância uma idéia abstrata e universal, a qual ele depois se esforçou para aplicar aos seres reais. Esta substância, segundo ele, está por toda parte, porque ela é infinita e nada saberia limitá-la. Ela é única e inábil para criar uma outra; porque se ela preenche tudo, onde colocar uma substância nova? Como criar a extensão sem a colocar sobre a própria extensão? Onde procurar um pensamento fora do pensamento infinito e eterno? A criação é então impossível: e na ordem imutável da natureza, tudo está encadeado a uma necessidade absoluta. Deus é verdade, tem uma vontade livre; mas ele não pode

CONTINUAÇÃO DA NOTA 7:

porque ela é a partir de agora tudo e não pode em conseqüência admitir novas qualidades. Esta substância tem então todos os caracteres da Divindade, ou melhor, é a própria Divindade, porque ela é única, eterna e imutável... Como Deus é o término da perfeição e que sua essência consiste em suplantar tudo e não ser suplantado por nada, ele deve, por isto mesmo, ser único. Se existissem dois ou mais deuses, seria necessário que eles fossem iguais ou desiguais em perfeição. Se eles fossem iguais, eles não seriam os mais perfeitos, porque cada um deles teria um rival em perfeição. Se eles fossem desiguais, o menos perfeito seria suplantado pelo outro e não seria mais o ser mais perfeito, ele cessaria de ser Deus.”

agir senão de acordo com suas leis, nem seguir uma ordem diferente daquela que está estabelecida, a menos que suponhamos que Deus seja suscetível de uma outra natureza, ou que ele possa existir num outro. O pensamento e a extensão, o espírito e a matéria, o finito e o infinito, o movimento e o repouso, o bem e o mal, as causas e os efeitos, e o que há de mais oposto e de mais incompatível em física e em metafísica, são os atributos desta substância única, que não trabalha mais que sobre ela própria e não produz nada que não seja sua própria modificação. Tudo o que existe não é mais que a universalidade dos atributos de Deus; uma seqüência necessária de *modalidades*, nascidas umas das outras, caindo e se renovando sem cessar sobre um fundo de substâncias constantemente a mesma. Assim o Deus de Spinoza não é mais do que a força produtiva da natureza, que, sem vontade, sem liberdade, sem ordem e sem objetivo, prepara, pela destruição dos seres vivos, o nascimento daqueles que devem lhes substituir. É então com razão que ele foi acusado de ter ignorado a providência e de ter subtraído Deus ao mundo, fazendo do mundo um Deus. As últimas partes da *Ética* de Spinoza são consagradas à natureza, à origem das paixões e aos meios que têm os homens para as sujeitar; sua moral se funda principalmente sobre os princípios da força e da utilidade. Após ter sustentado que a virtude se confunde com a primeira [força] e deve se apoiar sobre a outra [utilidade], ele conclui que os homens são obrigados a procurar a virtude, que é o soberano bem sobre a terra; o que poderia significar que devemos trabalhar para aumentar sua potência para a fazer retornar em seu próprio proveito. Com princípios também contestáveis, ele encontra algumas vezes pensamentos justos, sobretudo no seu *Tratado Político*,

no qual ele esboça o plano das diferentes formas de governo civil. “Os políticos, ele nos diz, têm o hábito de considerar os homens não tais como são, mas tais como eles deveriam ser. Igualmente sua política é ordinariamente uma utopia, da qual não se pode fazer nenhuma aplicação. Este defeito fez prevalecer a idéia que, de todas as ciências, a política teórica é a mais em contradição com a prática, e que ninguém não está menos em condição de governar um Estado do que o filósofo” (Capítulo 1)⁸. Para ele, o melhor governo é aquele no qual os cidadãos vivem em paz e conservam cada um seus direitos respectivos. Mas esta vida pacífica deve ser menos o fruto da ignorância e da crença do que aquele da instrução e o valor. Após ter falado da monarquia, Spinoza passa ao exame do governo aristocrata, que deveria ser seguido pelo quadro da democracia, das leis e de outros assuntos relativos à administração dos Estados; mas este esquema não é completado, não mais do que aquela obra intitulada *De intellectus emendatione* [Tratado da Reforma do Entendimento], na qual ele indica o método que se deve seguir para alcançar a perfeição. Este método consiste em separar as idéias verdadeiras das falsas, a dirigir toda sua atenção às primeiras e afastar-se das outras, a determinar as regras necessárias para conhecer os objetos desconhecidos, a prescrever-se uma marcha segura e uniforme para não se fatigar inutilmente o espírito, e sobretudo se fixar a adquirir a noção do ser mais perfeito, para fazê-lo seu modelo. As ousadas divulgações nas duas grandes obras de Spinoza não o impediram de ter

⁸ NT: O autor não indica a página e nem a edição que utiliza do *Tratado Político*. De nossa parte, indicamos a tradução portuguesa de Manuel de Castro, In: *Espinoza*, publicado em São Paulo, pela *Abril Cultural*, no ano de 1983 (3ª ed.), pela *Coleção Os Pensadores*. A passagem citada encontra-se na página 305.

sectários; mas a crença de uma perseguição e talvez a vergonha de professar opiniões tão pouco conformes à moral admitida, não seria permitido mesmo ao maior dos nomes se declarar abertamente. Era-se então *spinosista* sem querer parecer; e todos que se anunciavam como inimigo do *naturalismo*, era um partidário. O Conde de Boulainvilliers, um dos primeiros a entrar neste campo de batalha, redige uma pretensa *Réputation de Spinoza*⁹, na qual, afetado de zelo pela religião, faz a mais completa apologia do ateísmo. Entretanto, não se engane sobre suas intenções; e seu livro parece tanto mais perigoso, quanto mais se distancia das formas científicas que embaraçam o sistema de Spinoza, ele o tinha posto ao alcance de todo mundo. Por seu turno Lenglet-Dufresnoy é prudente ao associar aos pensamentos ortodoxos de Lanni [*sic*] e de Fénelon esta mistificação de Boulainvilliers, que ele recomenda, mesmo particularmente, no prefácio de sua coletânea. É necessário se desligar igualmente da *Arcana atheismi revelata*, de Cuper, Rotterdam, 1676, in-4º, na qual o autor, seguindo os mesmos passos de Boulainvilliers, a quem talvez tenha tomado como exemplo, encoraja o ateísmo através da fraqueza das provas em que se apóia o dogma da criação. Ele vai até mesmo dizer que não se pode demonstrar a existência de Deus unicamente pela luz natural; que uma substância sem extensão é impossível de conceber, e que sem o socorro da revelação não se compreende a diferença existente entre a virtude e o vício. Abraham Cuffeler pretende também, em sua obra *Specimen artis ratiocinandi*, Hambourg (Amsterdam), 1684, in-8º, que a substância do mundo esteve

⁹ Foi impresso com três títulos diferentes: (1º) *Essai de métaphysique dans les principes de B. de Spinoza*; (2º) *Analyse theologi-politique de Spinoza* e (3º) *Réputation de Spinoza*.

e está contida, por toda a eternidade, em Deus. Um outro, Henri Wirmars, escreveu um livro intitulado *Chaos imaginarium de orto mundi secundum veteres et recentiores philosophos*, aparentemente dirigido contra Spinoza, mas que no fundo, intenta abalar a religião. Frédéric-Guillaume Hosse fez ainda mais barulho com sua obra intitulada *Concordia rationes et fidei, sive harmonia philosophiae moralis et religionis christiana*, Amsterdam (Berlin), 1692. Hosse não vê mais do que uma substância única em Deus e uma modalidade no homem. Ele põe a inteligência no cérebro, onde ela se modifica ao infinito, por meio de um monte de órgãos e de uma matéria sutil que o penetra e que experimenta as modificações em si mesma, tanto por parte da substância cerebral quanto por parte das impressões exteriores. Ele não crê nas leis divinas: as leis humanas lhe parecem inúteis; e nega a providência absolutamente admitindo a imortalidade da alma. Nós teríamos engrossado a lista de seguidores de Spinoza, se nós não tivéssemos acreditado ser ainda mais importante dar a conhecer os nomes daqueles que lhe deram combate. Assim que é publicada, ergue-se contra suas obras um grande número de contraditores entre os holandeses mesmo, que os progressos da reforma e as guerras religiosas tinham tornado muito intolerantes em face de novas doutrinas. Basta um simples golpe de vista sobre a nota abaixo para ver o empenho com que se esforçam para derrubar o edifício de Spinoza¹⁰.

¹⁰ J. M. V. D. M., *Epístola contra tractatum theologico-politicum*, Utrecht, 1671; – Regnier de Mansveld. *Adversus anonymum theologico-politicum*, Amsterdam, 1674, in-4º; – Batalier, o *Indicio miraculorum [...] adversus profanum auctorem Tractatus theologico-politici*, Amsterdam, 1674, in-12º; – Bredenbourg, *Enervatio Tractatus theologico-politici*, Rotterdam, 1676, in-4º. Este último autor foi ele mesmo suspeito de ateísmo por Oróbio, médico judeu,

CONTINUAÇÃO DA NOTA 10:

que publicou uma obra intitulada *Certamen philosophicum adversus Bredenburg* [sic], Amsterdam, 1703, in-12°, reimpresso na coletânea de Lenglet-Dufresnoy, sobre a qual falaremos mais abaixo. – Velthuys, *Tractatus de cultu naturali, et origine moralitatis*, Utrecht, 1676; – Kortholt, *De tribus impostoribus magnis* (Herbert, Hobbes e Spinosa), Kiel, 1680, in-12°; – Yvon, a *Impiété convaincre*, Amsterdam, 1681, in-8°; – De Versé, *Impie convaincu*, ou *Dissertation contre Spinosa*, 1685, in-8°. Nós fornecemos um extrato na *Nouvelles de la république des lettres*, outubro 1684, p. 862. – Poiret, *Fundamenta atheismi eversa, sive specimen absurditatis Spinosiana*, Amsterdam, 1685. – Levassor, *Véritable religion*, Paris, 1688, in-4°; – Wittich, *Anti-Spinosa, sive examen Ethices B. de Spinosa*, ibid., 1690, in-4°. Encontramos o extrato na *Bibliothèque universelle*, ano 1692, p. 322; – *Investigationes theologicae circa origines rerum ex Deo, contra Spinosam*, Herborn, 1692, in-4°; – Huet, *De concordia rationes et fidei*, Leipsick, 1692. Encontramos o extrato na *Actes des érudits de Leipsick*, ano 1695, p. 395; – Lami, *Nouvel atheisme renversé, ou Réfutation du système de Spinosa*, Paris, 1696, in-12°; – Til, *Fundamenta legis mosaice contra atheorum exceptiones* (em Flamengo)), Dordrecht, 1696, in-4°; – Jacquelot, *Dissertation sur la existence de Dieu, ou Réfutation du système d’Épicure et de Spinosa*, La Haye, 1697; – Jens, *Examen philosophicum sexte définitions Ethice B. de Spinosa*, Dordrecht, 1697, in-4°; – *Démonstration de la faiblesse de l’argument de Spinosa touchant la substance unique*, Amsterdam, 1701 (em Flamengo); – Bayle, *Dictionnaire historique*, artigo Spinosa; – Jenichen, *Historia Spinosismi Leenhofiani*, Leipsick, 1707, in-8°, Leenhoff, ministro reformado em Zwoll, foi acusado de spinosismo por uma obra intitulada *Hemel op Aarden, o Paradis sur la terre*; – Musæus, *Spinosismus, sive Tractatus theologico-politicus ad veritatis lancem examinatus*, Wittenberg, 1708, in-4°; – Jariges, *Examen du Spinosisme*, nas *Memoires de l’Académie de Berlin*, ano de 1745 e 1746, t. 1 e 2, in-4°; – Staalkopt, *De Spinosismo post Spinosam*; – J. Regis, *Cartesius versus Spinosismi architectus*, Francker, 1749, in-8°, e Amsterdam, 1723, in-8°; – *Vérité de la résurrection de Jesus-Christ defendue contre Spinosa*, com a *Vie* desse filósofo, por Colerus (em holandês), La Haye, 1706, in-8°; – *De Spinosa et des doctrines athées*, na *Observationes miscellana*, Leipsick, 1712, t. 5, p. 393; – *Rencontre de Bayle et de Spinosa dans l’autre-monde*, Cologne, 1713, in-12°. Ver também a *Réfutation de Spinosa*, por Toland, na *Lettres à Serena*, Londres, 1704, p. 131. O que há de curioso na *Vie* de Spinosa, é que ele foi atacado por Bayle, Toland, Voltaire e defendido por Sabatier

Malgrado o interesse com o qual segue o debate em outros países, as opiniões deste filósofo não fizeram mais adeptos na Europa. Locke, Cudworth, Newton, na Inglaterra; Descartes, Pascal, Malebranche, na França; Kepler, Leibniz, na Alemanha; Galileu na Itália, examinando os fenômenos morais e físicos do mundo tinham elevado todos os olhares até esse primeiro ser que imprimiu o movimento à matéria. O século não estava então absolutamente disposto para o ateísmo, e nada mais restava além de lembrar a doutrina de Spinoza, quando, por volta do fim do século XVIII, engajasse numa contestação muito profunda, na Alemanha, a respeito das opiniões de Lessing. Frédéric-Henri Jacobi o supôs apegado ao spinosismo; e essa reprovação foi relevada com amargura por Mendelssohn, que abraça a defesa de seu amigo e de seu mestre. Jacobi, melindrado pelo tom zombador de seu antagonista, envia-lhe os esclarecimentos mais favoráveis e justifica sua asserção por fragmentos de uma correspondência inédita de Lessing. Ele se serve desta ocasião

CONTINUAÇÃO DA NOTA 10:

(de Castres), que, após ter passado a vida a guerrear contra os filósofos (ver Sabatier) termina por se declarar a favor do spinosismo. Seu livro intitula-se *Apologie de Spinoza et du Spinosisme*, Altona, 1806, in-8°. Encontramos um extrato na *Décade philosophique*, julho de 1807. – Basnage, *Hist. des Juifs*, Rotterdam, 1707, in-12°, t. 3, p. 87, pretendeu encontrar a origem do spinosismo entre os cabalistas. Esta mesma hipótese foi levada adiante por um alemão (Speeth) que se ocultou sob o nome de *Mose Germano*, e do qual fala Leibniz em seu *Discours de la conformité de la foi avec la raison*. – Wachter, professor de filosofia em Berlim, adota a mesma opinião numa obra intitulada *Der Spinosismus im Judenthum*, Amsterdam, 1699, in-8°, 3 partes, embora pareça ter se retratado em seu *Elucidatio cabbalistica, sive recondita Hebraeorum philosophia*, Roma (Rostock), 1706, in-8°. Ver também Wolff, *Cabbala cum spinosismo consensus, contra Wachterum*, na *Bibl. Hebr.*, t. 2, p. 1235.

para expor suas idéias sobre o sistema de Spinoza, que desenvolveu numa obra alemã muito profunda intitulada *Lettres sur la doctrine de Spinoza*, Leipsick, 1786, in-8º, e Breslau, 1789, in-8º¹¹. Desde este momento ocupam-se muito do *spinosismo* nas escolas filosóficas da Alemanha. Tennemann e Buhle lhe consagraram artigos muito extensos em suas histórias da filosofia, Hemsterhuys e Heydenreich falam dele em suas obras, e o professor Paulus, encorajado pela aprovação de um grande número de sábios, nos deu a primeira coletânea completa dos escritos do filósofo holandês, Iena, 1803, 2 volumes, in-8º¹². As antigas edições de suas obras são:

1. *Renati Descartes, principiorum philosophiae, more geometrico demonstrata*, seguido dos *Cogitata metaphysica*, em duas partes, Amsterdam, 1663, in-4º;

¹¹ As numerosas obras publicadas por ocasião dos debates de Mendelssohn com Jacobi, sobre o spinosismo de Lessing, se encontram indicadas na *Allgemeine Repertorium de 1785 a 1790*, Iena, 1793, n. 336-366.

¹² Além das obras que nós vamos citar, publicou-se ainda na Alemanha os seguintes escritos sobre o spinosismo: Mendelssohn, *An die Freunde Lessings: ein Anhang zu Jacobi Briefwechsel ueber die Lehre des Spinoza*, Berlim, 1786, in-8º; – Fulleborn, *Spinoza Pantheismus und System, ein Beyträge zur Geschichte der Philosophie*, parte 3, p. 34, 106; – Rehberg, *Abhandlung ueber das Wesen und die Einschränkungen der Kräfte*, Leipsick, 1779, in-8º; – O mesmo, *Ueber das Verhältnis der Metaphysik zu der Religion*, Berlim, 1787, in-8º; – Herder, *Einige Gespräche*, Gotha, 1787, in-8º; – Heidenreich, *Natur und Gott nach Spinoza*, Leipsick, 1789, in-8º; – Maimon, *Über die Progressen der Philosophie*, Berlim, 1793, in-8º; – O mesmo, *Versuch über die transcendental Philosophie*, *ibid.*, 1790, in-8º; – Reinholds, *Systematische Darstellung aller bishermöglichen Systeme der Metaphysik* (no *Teutscher Merkur*, janeiro e março de 1794); – Mendelssohn, *Morgenstunden*, Berlim, 1786, in-8º; – Jacobi, *Prüfung d. M. Morgenstunden*, Leipsick, 1786, in-8º; – Ben, *von Spinoza* [ilegível] *Abhandlungen über die Cultur des menschligen Verstandes, und über die Aristocratis und Democratis*, traduzido por Ewald, 1786, in-8º; – Spinoza, *Philosophische Schriften*, Gora, 1790-1793, 2 v., in-8º.

2. *Tractatus theologico-politicus*, Hambourg (Amsterdam), 1670, in-4º; 1674, in-8º. Os livreiros têm por vezes enviados a Portugal ou a Espanha esta última reimpressão com título falso, tal como: *Heinsii operum historicorum collect. 1 e 2*, Leyde, 1673; e *Fr. Henriquez de Villacorta opera chirurgica omnis*, Amsterdam, 1673; traduzido em francês (por Dominique St-Glain), e reimpressa com três títulos diferentes: o primeiro, *La Clef du sanctuaire, par un savant homme de notre siècle*, Leyde, 1678, in-12; o segundo, *Traité des cérémonies superstitieuses des juifs, tant anciens que modernes*, Amsterdam, 1678, in-12; enfim, o último desses títulos é o seguinte: *Réflexions curieuses d'un esprit désintéressé sur les matières les plus importantes au salut*, Colognè, 1678, in-12. Os curiosos procuram os exemplares que têm os três títulos. Esta tradução foi reimpressa em 1731 com os dois títulos somente e com a falsa data de 1678. Não há quase nenhuma diferença entre as duas edições. O mesmo tratado foi traduzido na Alemanha (por Jean-Hendrik Glasmaker) com o seguinte título: *le Théologien judicieux et politique*, Brème (Amsterdam), 1674, in-4º.

3. *Opera Postuma* [sic] *B. D. S.* (de Benoit de Spinoza), sem lugar nem nome do impressor (Amsterdam, na Casa Jean Rieuwertzen), 1677, in-4º, reimpresso em Haye, por Gosse, com a mesma data. Este volume contém os seguintes tratados, dos quais nenhum foi ainda traduzido para o francês, *Ethica ordine geometrico demonstrata*, em cinco partes, a saber: *De Deo*; – *De natura et origine mentis*; – *De origine et natura affectuum*; – *De servitute humana, sive de affectuum viribus*; – *De potentia intellectus, sive de libertate humana*; *Tractatus politicus*, incompleto; *Tractatus de intellectus emendatione*, incompleto; *Epistola et responsiones*; *Compendium grammatices linguæ hebrææ*, primeira parte, na qual trata da etimologia das palavras. Spinoza tinha trabalhado num

Traité de l'iris, ou do *lârc-en-ciel* e numa tradução flamenga do Pentateuco. Acreditamos que ele os queimou pouco antes de sua morte. Foi-lhe falsamente atribuída a obra intitulada *Lucii Antistii Constantis, de jure ecclesiasticorum*, Aléthopoli (Amsterdam), 1668, in-8º, que também foi atribuída a Louis Meyer, seu amigo e seu médico, mas cujo verdadeiro autor é Dominique de la Cour ou Van den Hoof (veja Leibniz, *Théodicée*, § 375)¹³. É [Pierre] Bayle¹⁴ que creditou este erro à fé de um jornalista (Dartis). Vejam a nota L de seu artigo Spinoza. A vida deste filósofo foi escrita por Lucas, médico holandês, que se ocultou sob o nome de *Colerus*¹⁵. Esta foi inicialmente impressa na Holanda, em Haya, no ano de 1706, in-8º, juntamente com a obra citada anteriormente (Ver Nota 10), depois foi traduzida e reimpressa em francês, *ibid.*, 1706, in-8º; na Alemanha, Francfort e Leipsick, 1733, in-8º. Lenglet-Dufresnoy incluiu-a à frente de uma coletânea de refutações de Spinoza (de Boulainvilliers, Lami, Fénelon e Orobio), Bruxelles (Amsterdam), 1731, in-12º. Uma outra *vida*, atribuída a um discípulo de Spinoza (Richer la Selve), Hambourg, 1735, in-8º, e que todos os biógrafos acreditam diferente da primeira, não é mais do que um resumo desta. Ela surgiu inicialmente em Amsterdam, 1719, in-8º, com

¹³ Caroll e Hicks se enganaram, assim como Bayle, na obra intitulada *Spinoza review'd*, ou *Traité qui prove que le livre intitulé les Droits de l'Eglise chrétienne (par Tindal) est le même que celui de Spinoza sur les droits du clergé, et que tous les deux sont fondés sur l'athéisme*, Londres, 1709, in-8º.

¹⁴ **NT:** Trata-se do autor do *Dictionnaire Historique et Critique*, Verbetes *Spinoza*, que pode ser encontrado no *Tome III*, p. 1767-1788, *Edition II* (1702).

¹⁵ **NT:** O autor do verbete, De Angelis, considera as duas mais conhecidas biografias de Spinoza que chegaram até nossos dias, a de Lucas e a do pastor calvinista Jean Colerus, como se fossem uma só.

o título: *La vie et l'esprit de Spinoza*; após, nas *Nouvelles litter.*, t. 10, parte 1, p. 40 (ver o *Manuel du libraire*)¹⁶.

A-G-S.¹⁷

¹⁶ As obras filosóficas de Spinoza foram publicadas em Latim, por A. Gfrerer, Stuttgart, 1830, in-8º, e as obras completas por C.-H. Bruder, Leipsick, 1843-1846, 3 v. in-16º. A tradução francesa de M. Emile Saisset contém uma Introdução e Notas; foi a primeira vez que se ensaiou passar para nossa língua as teorias do filósofo holandês; publicou-se em Paris em 1843, em 2 volumes grandes, in-18º; esta versão foi corrigida, revista e aumentada em 1861 (3 v.). Um opúsculo inédito de Spinoza, *Tractatus de Deo et homine*, surgiu em 1852, em Halle, por E. Böhmer. Surge em Amsterdam, em 1859, um primeiro ensaio da *Ética*, desconhecido até então, as cartas segundo as assinaturas e uma vida de Spinoza escrita em holandês por um contemporâneo e traduzida para o latim. Citamos também o *Traité politique de Spinoza, traduit, annoté et suivi d'un index analytique*, por J.-G. Prat, Corbeil, 1860, in-18º, e uma tradução inglesa, com prefácio e notas, do *Tractatus theologico-politicus*, Londres, 1862, in-8º. Após uma vintena de anos o movimento nos estudos filosóficos multiplicou os escritos relativos a Spinoza; M. A. Saintes publicou em 1842 uma *Histoire de la vie et des ouvrages de Spinoza*; M. Lion de Montbeliard publicou em 1850, um memorial, *De l'Étique de Spinoza*; da qual a *Revue des Deux Mondes* publicou uma “excelente análise”, mas deixando a desejar pela apreciação do desenvolvimento de Spinoza na história das idéias. Assinalamos também algumas páginas notáveis de M. Cousin, *Fragments philosophiques*, 1838, t. 2, e um longo artigo de M. Saisset, no *Dictionnaire des sciences philosophiques*, t. 6, p. 729-763. O *Mémoire* de M. Damiron, nas *Mémoires de l'Academie des sciences morales et politiques*, t. 4, p. 1-104, merece ser lido; seu autor retoma o mesmo assunto em sua *Histoire de la philosophie au 17º siècle*, t. 2, p. 177-351. A *Notice* de M. Jean Reynaud, na *Encyclopédie nouvelle*, é concebida sob um ponto de vista particular. Da Inglaterra, nós nos limitamos a mencionar a apreciação contida na *Histoire des sciences, métaphysiques*, por Dugald Stewart, e uma notícia na *Westminster Review*, de julho de 1855. Na Alemanha multiplacaram os trabalhos relativos ao filósofo holandês; nós indicaremos entre os trabalhos recentes, as obras de Siegwart: *Explication philosophique et historique du spinosisme*, Tubingue, 1839; e *Comparaison des*

CONTINUAÇÃO DA NOTA 16:

theories de Spinoza et de Hobbes sur le droit et la politique, Tubingue, 1842; de Thomas, *L'individualisme d'après Spinoza et le panthéisme*, Kœnigsberg, 1849; de Helfferich, *Spinoza et Leibniz*, Hambourg, 1846; de Glaser, *Comparaison de la philosophie de Malebranche et de celle de Spinoza*, Hambourg, 1846; de Taube, *Le Spinosisme, principe infini de révolution*, Kœnigsberg, 1848; e um livro anônimo: *Des doctrines métaphysiques de Spinoza*, Borne, 1860, in-8º. B-N-T. [NT: Como podemos observar por estas letras, o autor desta Nota não é o mesmo autor do texto e das notas anteriores. Estas letras correspondem à assinatura do autor Gustave Brunet (Vide Nota 17)].

¹⁷ NT: Conforme lemos na seção intitulada *Signatures des Auteurs du quarantième volume*, posta ao fim deste, na página 687, estas letras correspondem à assinatura do autor *Angelis (de)*.